



O Arauto



GREMIO DO COMMERCIO DE S. PAULO.

S. PAULO — BRAZIL.

S. Paulo, 8 de Outubro de 1896.

NUMERO UNICO.

Summario:—I. *No limiar.*—II. *O Arauto*, F. S. R.—III. *Antonio Q. Chaves Leal.*—IV. *Entre illusões*, Valle e Silva.—V. *O castigo*, L. Oncio.—VI. *Paqueta*, Rolando.—VII. *Ultima folha*, Augusto C. Aranha.—VIII. *Sonhando*, Mab.—IX. *Angela*, Aliquis.—X. *Bibliographia.*

O ARAUTO

Hoje é a estréa do *Arauto*—meu sonho dourado. Sempre trabalhei para a fundação deste periodico, afim de distrahir

tario do Gremio do Commercio, removendo o archivo de jornaes dessa sociedade, lá encontrou o *dichét* do *Arauto*, e perguntando quem tivera aquella idéa, soube que fora eu.

Procurou-me e encontrando em mim pouco entusiasmo, devido ás diversas tentativas que fiz sem resultado; elle, moço bastante intelligente e capaz para vencer certas difficuldades, assumiu esta espinhosa tarefa, dando hoje, pela vez primeira, a publicação do *Arauto*, em commemoração do oitavo anniversario do Gremio do Commercio.

Não posso esquivar-me tambem, de aproveitar esta occasião, para dar parabens ao Gremio do Commercio e a todos os seus associados, pela excellente e dilecta acquisição que fizeram dos cavalheiros que compoem a Directoria actual, que brilhantemente ha de terminar o seu mandato.

P. S. R.

NO LIMIAR

Para commemorar o oitavo anniversario do Gremio do Commercio, utilissima sociedade beneficente desta Capital, fazemos apparecer hoje o *Arauto*.

Os escriptos de que se compõem este jornal, são produções de alguns rapazes da classe commercial, que após trabalharem consecutivamente doze e mais horas por dia, ainda empregam alguns minutos em cultivar o seu espirito, lendo bons livros e escrevendo alguma cousa de litteratura.

A penna, portanto, que muitas pessoas, nesta culta Capital, brandem com pericia e elegancia, é manejada por elles com timidez e modestia.

Em vista, pois, do, que acima fica exposto, resta-nos sómente pedir aos nossos leitores, que sejam complacentes para com os jovens collaboradores deste jornal.

S. Paulo, 8 de Outubro de 1896.



Antonio Querino Chaves Leal

o intellecto da mocidade do commercio, com especialidade áquelles que frequentam o Gremio.

Nada consegui, porém, para a sua fundação; sempre encontrei embaraços que, para fallar com franqueza, desanimaram-me. Mas o meu distincto amigo e collega Snr. Leoncio Gurgel, secre-

Quando deparamos o personagem cujos esforços, probidade e sentimentos nobres, foram os unicos sustentaculos que o levaram a galgar os ultimos degráos da escala social, admiramol-o e nos extaziamos ao contemplar seus meritos.

E assim deve ser, porque quem tal consegue, merece os aplausos de seus concidadãos. Debaixo deste ponto de

ANTONIO QUERINO CHAVES LEAL

vista, consideramos o digno presidente de Gremio do Commercio de São Paulo, Sr. Antonio Querino Chaves Leal, prototypo do homem honrado e laborioso.

Fazendo estampar a sua effigie, na pagina de honra deste jornal, temos em vista prestar uma diminuta prova da homenagem, amisa e consideração, que nos honramos em tributar-lhe.

ENTRE ILLUSÕES

(inédito)

Conservas n'alma a côr da laranjeira
E a de jambo na pelle setinosa;
E scismo que o teu labio terno cheira.
Como um formoso calice de rosa.

Tua risada timida e faceira
— Suave musica doce e deliciosa —
Fez de minh'alma a pobre prizioneira
De uma leve esperança vaporosa...

Vê como vivo, filha! E, assim vivendo,
Vou-me illudindo e, timido, illudido,
N'esta illusão vou, triste, me perdendo...

Assim, n'esta illusão sempre existindo,
Quero logo me ver desilludido...
E em me desilludir vou-me illudindo!

S. Paulo

Valle e Silva

O CASTIGO

I

Anoitecera.

A floresta estava silenciosa; apenas o zephyro nocturno ciciava docemente por entre as folhagens das arvores, como terna mãe que acariciasse o rosto de innocente filhinho.

O azul anilado do céu estava marchetado de tremulas e timidias estrelinhas.

Além, atraz de uma immensa montanha, appareceram uns reflexos brancos, que foram augmentando, crescendo, até que surgiu radiante, bella e pura, a poetica e pallida rainha da noite—a lua!

Ella caminhava indolente e magestosa pelo azul sideral do firmamento. As estrellas, quaes submisas cortezãs, curvavam-se e desapareciam, diante do brilho que o astro espalhava pelo infinito.

Em summa: n'aquella hora havia tanta magestade na natureza e em tudo, que o homem reconhecia-se pequeno, e seu pensamento fugindo da terra e atravessando o espaço ia pousar aos pés d'Aquella que foi e unico creador de tantas grandezas, de tantas magnificencias!

II

Ouvio-se o tropel de um cavallo, e logo em seguida appareceu um cavalleiro, que socegradamente vinha avan-

çando, e que, pelo aspecto severo da physionomia e pelas longas e brancas barbas, parecia ser um ancião.

Elle, embora só, caminhava sem receio, sem temor, como quem tinha a consciencia limpa, e portanto nada temia.

Pobre velho, como te enganavas!...

III

Havia no centro da floresta, bem no centro, um desfiladeiro escuro e sombrio, que era horrivel contraste no meio de tanta belleza, parecia uma furna; lá, encostado n'um tronco carcomido pelos annos, jazia immovel um homem, cujo physico podia-se resumir na seguinte phrase—era a imagem viva do crime e do remorso!

IV

O scelerado, de carabina em punho, esperava a passagem do incauto viandante, o qual, inconsciente do perigo que corria, approximava-se, approximava mais. O bandido fez pontaria, ia desfechar o gatilho da arma assassina, porém sua mão tremeu.

Porque? Elle que tinha commettido a sangue frio tantos crimes, que tinha praticado as maiores atrocidades sem commover-se, porque n'aquelle momento tremia?

—Era a consciencia que acordava. Ella, que fôra subjugada durante muitos annos, fizera explosão, e o accusava da malvadez e covardia que ia praticar, assassinando inoffensivo velho, accusava o do quasi sacrilegio que ia commetter, não respeitando siquer umas venerandas cãs!

V

O bandido fez um gesto de impaciencia, bateu com os pés no solo, atirou para os hombos os pretos e grisalhos cabellos que lhe cobriam a fronte, e tornou a fazer pontaria.

O seu aspecto, n'aquella occasião, era talvez igual ao do Anjo das trevas quando, cahindo ao abysmo, lançou um anathema sobre todos!

Soou uma detonação!

E com o peito traspassado, cahio exausto o pobre viandante.

VI

O scelerado atirou-se a elle, que ainda não estava morto, e sequiosamente lhe esquadrinhava a bolsa.

Um raio da lua fendendo a densa folhagem das arvores, cercára com uma auréola de luz o rosto cadaverico do velho.

Então, o bandido empallidecendo horrivelmente, de seu peito sahiu estrangulado este grito:

—E' meu pae! matei-o!—e acrescentou, arrancando os cabellos—sou um desgraçado!...

VII

O velho lançou um olhar compassivo sobre filho, e com vóz que parecia sahir de uma campa disse:

—Filho... perdou-te... arrependas, sim?...

E expirou.

Um gargalhar funebre e horrendo, denotando insania, cortou os ares e foi perder-se além, no azul sideral do firmamento...

Mais uma detonação soou; porém essa era surda como a que produz a arma, cujo cano encostado ao ouvido do suicida, faz explosão, esmigalhando-lhe o craneo!

Ao longe ainda se ouvia o galopar do cavallo da victima, que aterrorizado pelas detonações, fugia, fugia sempre...

L. ONCIO

S. Paulo—1—10—96.

PAQUITA

Era Paquita a camponeza mais formosa d'entre as formosas.

Deus, o auctor sublime da formosura, prodigalisou a com encantos e attractivos caprichosamente escolhidos, dotando—a de um coração generoso e inclinado aos nobres sentimentos.

Negro de azeviche eram os seus cabellos cuidadosamente prezos por um laço de fita azul, que na sua linguagem d'amor manifestava o que lhe hia n'alma.

Olhos lindos só eram os seus; activos e provocadores, que ninguem os podia fitar sem render homenagem ao amor!

A sua bocca, pequena e fresca como o roseo calice d'uma flôr, manejava um eterno sorriso de criança travessa, quando satisfeita de si mesma.

E os pés! que lindos eram!...

Dois pombinhos tão inquietos como inseparaveis. Calçavam com uma graça infinita uns sapatinhos de pelle de veado, a caça predilecta do seu papá.

Nasceu e educou-se n'aldeia, onde, d'entre os muitos camponezes, nenhum havia conseguido triumphar do seu amor.

Para todos era ella affavel e delicada, recebendo com o indifferentismo do seu sorriso, os galanteios que lhe eram atirados á queima roupa.

Entretanto ella amava; e, sobretudo, tinha ciumes... assim dizia o laço de fita azul.

De tempos em tempos, ao cair da tarde, apparecia ao longe, beirando a encosta da montanha pela estrada larga e coberta d'arvoredos, um cavalleiro garboso e ainda joven, trazendo erguida a cabeça, e olhos fitos no monte que lhe ficava em frente,

Grande era a curiosidade que o prendia áquelle logar, porque a sua vista

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

buscava com interesse alguma cousa que lhe chamava attenção-

Ella, a formosa Paqueta, depois de consultar amudadas vezes o relógio, deixando transparecer a sua impaciencia, corria em busca do outeiro, galgando com agilidade indizível o ponto mais elevado do seu cume.

E ahí, saltando como os cabritos que lhe seguiam os passos, o cabelo annelado e esparso á mercê dos ventos, levantava ao ar, em forma de bandeira, um lenço branco prezo por duas pontas.

Era um signal combinado.

Elle, depois d'avistar a sublime apparição d'aquella que o arrastava de tão longe, de uma cidade cujo trajecto lhe custava cinco horas, seguia cuidadosamente, obedecendo aos signaes que o lenço fazia, como obedece o navio ao balão d'atalaia, ao entrar na barra cujo perigo está imminente.

E assim conseguiu elle, affrontando a sagacidade dos camponeses, estreitar em seus braços o ente mais encantador que pizava a terra.

Poucos momentos durava a sua entrevista. Trocavam-se eternos juramentos de amor e fidelidade, sellados com ardentes e apaixonados beijos.

Fazia elle entrega do seu habitual presente, que sempre eram fitas de varias côres, unico que ella recebia porque não incitava curiosidade, e porque lhe serviam de symbolo aos dictames do seu coração enamorado.

E depois, quebrando o silencio do bosque com o estalar do ultimo beijo, desaparecia na floresta.

Passaram-se longos dias sem que aquellas scenas tivessem repetição...

Era uma tarde d'Abril. A primavera, sempre caprichosa no seu embelezamento, dava o mais chic realce aos campos.

Aqui e alli, arbustos ricamente enfeitados; como só sabem enfeitar a Natureza.

Rescendia aromas por toda parte, e do mais apurado gôsto.

O céu, onde se notava um ou outro lençol branco a vagar na direcção dos ventos, mostrava-se sereno e de um azul purissimo.

As montanhas, cujos cumes já se doiravam com os raios do sol poente, completavam o maravilhoso espectáculo de Deus.

Era estranho o movimento n'aldeia, n'um dia de trabalho. Homens e mulheres, meninos e crianças, formavam um grande grupo em frente á pequena capella.

Os sinos dobravam languidamente, soltando ao ar o seu plangente gemido.

No interior viam-se muitas luzes collocadas artisticamente no pequeno altar, encimado por um crucifixo de marmore.

No exterior, abre-se uma ala quando, ao limiar, apparecem quatro donzellas

trajando de branco, trazendo erguido um esquite de côr azul, enfeitado com laços de fitas de varias côres.

Demandaram caminho do cemiterio.

O sol descia, descia lentamente, acompanhando assim aquelle cortejo funebre.

Ao longe, pela estrada certa em cujo leito se estendia um branco lençol d'areia, via-se através de nuvens de pó um cavalleiro á toda brida.

Pouco a pouco contém a marcha do animal, e desvia-o do caminho, procurando no bosque um ponto de observação.

Grande era a sua curiosidade pelo que via n'aldeia; entretanto esperou por algum tempo, com a convicção de encontrar o que desejava, visto ignorar o que alli se passava.

Isto, porém, pouco durou. Fixando a vista no cortejo que seguia além, sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo, e estremeceu de horror.

Era preciso avançar a todo custo, pois o coração palpitava-lhe com insistencia aterradora. Assim o fez e, abeirando-se do cemiterio, poude distinguir tudo que alli se passava.

O seu coração não mentio. Ardentess e sentidas lagrimas deslisavam copiosamente pelo seu rôsto acobrunhado de tristeza.

Procurando em si mesmo força para resistir ao golpe fatal, monologou tristemente pensando na infelicidade do seu amor:

Encontral-a-ei nos céus!...

E sumiu-se, sumiu-se eternamente!..

ROLANDO

S. Paulo—Outubro—96

ULTIMA FOLHA

Vim por aqui. Sei que esta do caminho
E' a curva extrema, sinto-me caçado.
Ficou além o toco e pobre ninho,
Das illusões gentis do meu passado.

Trago á cabeça, ai! misero e mesquinho,
A noite má do cahos inominado.
Busquei a luz e a luz cegou-me; e o espinho
Do tedio, punge o coração magoado.

Em jogo as azas, quérulos, chorando
Os idéaes, n'um pressuroso bando,
Passam, scindindo do horizonte a bruma

E os meus anhelos, recortando os ares.
Semelham garças tremulas, aos pares:
— Alvuras castas, maciez de pluma!

S. Paulo, Augusto Carvalho Aranha.

SONHANDO

Tudo é cor de rosa! O campo, o céu, as flores, tudo...

As florinhas, eil-as que se movem: é uma quadrilha que dançam.

As violetas, tão rôchas e modestas, e que nunca recebem os raios do sol;

entretanto, agora, estão *vis-à-vis* com as margaridas, cravos, saudades, rosas e sempre-vivas, todas á dançarem,
E a musica?

Oh! tão sonora e suave, nunca ouvi em dias da minha vida.

Já não mais vejo as florinhas que dançavam, e nem sinto o perfume embriagador que exhalavam, sumio-se tudo...

Um véo denso, espesso, veio roubar-me tão bello espectáculo.

Decipa-se o véo! Muda-se tudo: novo panorama apparece-me.

As florinhas, devididas em milhares de montes, enchem a vasta campina, inundando o ambiente com vivos odores.

E tudo continúa cor de rosa!

Anoitece.

Dos montes de flores começam a surgir divindades: todas ellas são jovens bellissimas.

Umhas têm os cabellos doirados, doirados como o sol quando nasce; outras os têm pretos, pretos como a noite.

Todas ellas, envoltas em véos de gaze, sorriem meigamente, contemplando o firmamento que pouco a pouco está se cobrindo de estrellas.

A lua apparece.

Mas não, não é a lua, é o sol que desafortadamente entra pela janella do meu quarto, me acordando.

Eu sonhava.

S. Paulo. Mab.

ANGELA

(Conto)

Felizes, muito felizes, no seu adoravel Chalet, situado em um arrabalde pittoresco do Rio de Janeiro, Angela e seu marido causavam admiração a toda á vizinhança, avida de sensações e novidades, pela incomparavel alegria, pela extraordinaria felicidade, que se evolava daquella casa isolada, agradável e poetica.

Dir-se-hia que aquella moradia, alva como um montão de espumas e cercada de arbustos frondosos e bellos, mais semelhante era a um ninho encantado de fadas, no qual jamais passou a sombra de um desgosto, siquer; do que a residencia de uns bons burguezes, como eram Angela e Jorge. Havia seis annos que se tinham casado e só contavam uma filhinha, muito interessante e intelligente, por nome Maria. Esta criança completava a felicidade dos seus ditosos paes. Docil, meiga e accessivel a toda a sorte de educação, Maria tornou-se o ideal vivo, unico ideal de seus paes, que sonhavam para a filhinha querida, um

AP. 00326
ARQUIVO

mundo encantado, lá como elles entendiam, onde Maria fosse, por assim dizer, o anjo tutelar dessa habitação extraordinaria. Assim, Angela julgava-se, e realmente o era, muito feliz. Um bello dia, de manhã, antes que Jorge se retirasse para o seu trabalho costumado, para a loja, onde passava muitas horas do dia, Angela, cheia de meiguice, de carinho, perguntou-lhe, radiante de alegria:

Que anniversario é hoje?

Ao que Jorge, sem embarço, com um gesto de satisfação respondeu.

Do nosso casamento, já me tinha lembrado, espera-me hoje para jantar ainda mesmo que seja ás 6 horas, pois tenho muito serviço e todo elle com muita urgencia. Em seguida almoçou ligeiramente, e retirou-se.

A' porta da rua, Maria, muito esper-tinha, disse ao pae:

O Senhor ia sahindo sem me dar um beijo; ingrato!

Mas Jorge explicou a pureza da sua intenção, dizendo:

Vinha mesmo despedir-me de ti, aqui, neste logar, porque vi que tinhas, vindo para cá.

Angela, depois da retirada de Jorge, começou a providenciar para que ao jantar não faltasse um só dos pratos predilectos do seu marido. Deu ordem ao copeiro que limpasse todo o fa-queiro de prata, que cuidasse em lavar os crystaes que estavam na outra copa, n'aquella que só em dia excepçionaes era aberta, e ella mesma foi preparar os doces para a sobremeza e colher no jardim as mais bonitas flores para enfeitar as jaras todas. Depois que toda a casa ficou em ordem, depois que a enfeitou bastante, foi vestir Maria, de branco, com um vestido rendado e uma larga faxa azul celeste á cintura. Com admiravel paciencia fez do cabellino da menina uns cachos muito bonitos, que os ia enrolando no dedo indicador da mão esquerda, e depois, geitosamente, os puxava, conseguindo por essa forma fazer um penteado engenhoso e bello.

Depois disse á filhinha:

Cuidado com a roupa, papae vem jantar em casa e eu não te quero ver feia, Angela foi então fazer a sua «toilette». Singela, mas caprichosamente, vestiu um lindo «peignoir» marron, enfeitado com grandes botões e fitas da mesma côr, que, contrastando admiravelmente com a alvura de sua cutis, formava um conjuncto muito harmonioso. Nunca o relógio lhe pareceu tão moroso. Que horas longas aquellas, que anciedade indescrivivel! Seis horas, depois sete, oito, enfim meia noite e Jorge não vinha! Que seria? Elle sempre tão pontual, tão cumpridor de suas obrigações, tão amoroso para com a familia, e nesse dia que tinha promettido vir mais cedo, não voltava!

Angela conservou n'alma um vislumbre de esperanza até ás 8 horas,

depois resolveu dar jantar a menina, que estava com muita fome. Ella porém, não quiz comer.

Seria possivel, jantar sem Jorge, n'aquelle dia, tão cheio de gratas recrdações para ambos? Impossivel!

As dez horas accomodou a filhinha, que tinha somno. Depois quiz mandar procurar o marido, mas receiava a indiscrição dos creados e afinal de contas, acreditava (que ingenuidade!) que elle estivesse trabalhando ainda.

Estava, porém escripto num livro negro, sem luz, que se chama o destino, que a primeira decepção de Angela, que a primeira tristeza de seu magnanimo coração seria, justamente, no dia de annos de suas nupcias. Para mais de meia noite, Angela, reclinada no divan de seu quarto, n'uma anciedade horrivel, chorava muito. Começava em seu espirito a apparecer a duvida, essa inimiga da felicidade, e pensava:

Quem sabe se elle adoeceu, meu Deus?

Em seguida abriu o seu oratorio e se poz a rezar. De subito ouve umas pancadas surdas, deseguaes, á porta. Hesitou; o bater de Jorge era diverso; mas vencida pelo cuidado com que estava do marido, ordenou á creada que abrisse a porta.

Angela acompanhou-a, e, a dois passos de distancia, estava da porta da rua, quando a creada, destorcendo a chave, deu passagem a Jorge. Angela então poude vel-o ebrio, fora de si, com a cabeça pendida ao peito, com um bafo insupportavel de bebidas, a pronunciar mal alguns monossylabos sem nexo, com os olhos amortecidos, sem chapéo e num estado lastimavel. De prompto ella comprehendeu tudo: ficou pallida, tremula, quasi desfalleceu; mas conservando um heroismo de santa, uma força de vontade ingente, disse á creada que fechasse a porta, e, dando o braço ao marido, transportou-o ao seu quarto. Ahí ministrou-lhes carinhosamente, todos os cuidados de que necessitava. Deu-lhe a beber uma chicara de café amargo, fel-o deitar-se, e ella, como um anjo de bondade, velava alli, sósinha, o somno profundo de seu marido.

Que noite aquella, eterna, de martyrio sem equal!

De manhã Jorge, acordando, deu com os olhos em Angela e perturbou-se muito.

Esta, procurando disfarçar a dor que lhe invadia o coração, que lhe magoava a alma, perguntou-lhe meiga e docemente:

Estás melhor?

E Jorge, allucinado, meio louco com voz entrecortada, disse-lhe:

Perdoa-me Angela já estou castigado de tudo o que fiz.

A tua bondade é tanta, que é capaz de regenerar um bandido. Esqueci-me hontem da promessa que te fiz, em companhia de varios amigos deixei-me

arrastar até o Pascual, onde o Henrique deu o jantar de despedida e ás saudes...

Basta sei o resto, replicou ella, comovida

Eu estou envergonhado, mas juro-te E não mais pôde fallar; um soluço embargou-lhe a voz. Angela então, approximando-se de seu esposo num abraço sincero, confundiu as suas lagrimas com as delle!

Bemditas lagrimas, bemditas, que lavando os corações que se estremecem, de todos os desgostos e pezares, dissipam os remorsos de uma falta muito grande e fazem nascer a esperanza, ha pouco perdida, de uma vida como até alli passada, sem o vislumbre sequer de uma tristeza!

Aliquis

BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a nossa modesta meza de trabalho, um exemplar do «*Hymno do Gremio do Commercio de S. Paulo,*» ultima producção do intelligente maestro. Snr. Antonio Querino Chaves Leal.

Achamos inutil elogiar esta composiçào, pois o nome de seu auctor, é mais que sufficiente para pol-a no nivel das melhores que, n'este genero, têm apparecido.

Foram nitidamente impressos, nas officinas dos Snrs. I. Bevilacqua & C.^a, mil exemplares do «*Hymno,*» os quaes brevemente achar-se-hão á venda, sendo o producto d'elles em beneficio dos cofres do Gremio.

Nos têm visitado com pontualidade os seguintes jornaes:

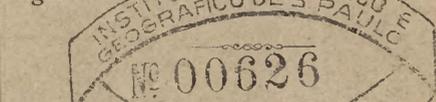
De Portugal—*O Correio da Europa.*

Do Rio—*Revista Illustrada, D. Quixote e O Christão.*

De S. Paulo—*O Correio Paulistano, O Estado de S. Paulo, O Commercio de S. Paulo, O Diario Popular, A Platéa, O Estandarte, O Correio Nacional e O Socialista,*

De diversas cidades—*A Tribuna do Povo (Santos), O Correio de Campinas, O S. Carlos do Pinhal, A Gazeta de Brotas, A Gazeta de Piracicaba e A Ordem (de Tatuhy).*

A todos elles, os nossos sinceros agradecimentos.



Devido a obsequiosidade de um amigo, publicamos neste jornal um soneto inédito, do distincto academico Snr. Augusto Carvalho Aranha, extrahido do seu livro intitulado Primicias, que se acha no prélo.